

## Anani gostava de batata-doce

Fernando Conceição

Com o tempo nossa relação tornara-se tão sem-cerimônia que numa visita feita por Anani Dzidzienyo a Salvador, em 2009, disputamos qual de nós dois ficaria com o maior bocado da batata-doce que compunha um prato servido no almoço.

Ele ainda não conhecia o restaurante, localizado no popular bairro da Saúde, parte do Centro Histórico da capital do estado da Bahia. Cidade na qual Anani (deixe-me referir a ele por seu prenome) veio a primeira vez em 1970, aí residindo por quase um ano inteiro.

A refeição era um prato típico chamado “Cozido” em Salvador e todo o Recôncavo baiano. É preparado com carnes frescas, salgadas jeekbeefe de vaca e de porco. Também leva costeletas, bacon e embutidos defumados.

Depois de temperados carnes e derivados, recheados e cozidos com água até o meio da panela, acrescenta-se variados legumes e verduras por quinze a vinte minutos ao caldo em cozimento. Batata do reino, cenoura, banana-da-terra, chuchu, quiabo, maxixe, jiló, abóbora, repolho, folhas de couve, batata-doce.

Anani estava de passagem rápida por Salvador. Entrou em contato e eu fiz o convite para o almoço às 13 horas. Levei comigo um bom parceiro: Bartolomeu Dias Cruz, presidente do Omi-Dùdú - Núcleo de Resgate e Preservação da Cultura Afro-Brasileira. Conversa animada. Gargalhadas à mesa, idem.

Enquanto aguardávamos o prato, solicitei a uma garçonete, para Anani experimentar, três doses de batida de gengibre. É uma bebida alcoólica feita com cachaça, a raiz forte e um pouco de açúcar. Anani sorveu sua dose. Gostou. A cerveja gelada veio a seguir.

Nos encontramos pela primeira vez em 1994. Eu recebera uma bolsa Fulbright para intercâmbio de três meses, fazendo palestras em Universidades do Nordeste dos Estados Unidos, esticadas para a estadual de Maryland e Howard, em Washington, D.C.

O famoso brasilianista Thomas Skidmore (1932-2016), na Brown University em Providende, Rhode Island, pediu para um discípulo, então estudante de doutorado Jeffrey..., hospedar-me por alguns dias.

Skidmore, a quem conheci antes, organizou para mim uma lecture no Centro Brasileiro da Brown, para discutirmos a situação do racismo no Brasil. Anani, amigo fraternal de Skidmore, compareceu. Então convidou-me a participar da aula de uma classe sua no African and African-American Studies Center, por ele coordenado.

Daí em diante não mais perdemos contato um com o outro. Na derradeira vez em que nos comunicamos, numa mensagem de e-mail enviada de seu iPad às 7:44pm no domingo 17/09/2019, ele responde minhas preocupações nos seguintes termos:

Dear Fernando,  
Many thanks for your note and concerns. I have not retired. I was on medical leave during the first Semester but I have been back since January.  
I am moving along on the health front.  
How are you and your family?  
My warm greetings to all of you.  
Later,  
Anani

Eu me encontrava na costa leste estadunidense no rigoroso inverno de 2011. Mais uma vez, com sua generosidade Anani organizou nova palestra para que eu falasse a seus alunos e colegas da Brown University.

O tema foi a atualidade de um Brasil que, naquela época, parecia ao encontro de um futuro próspero em termos econômicos. Isso foi antes da crise das hipotecas de 2008, iniciada nos Estados Unidos, desabar com atraso sobre os brasileiros, por conta dos descaminhos governamentais. O estrato afro-brasileiro da população é que mais sofre as consequências até hoje.

Quando instalei-me em 1998, agora *visiting scholar* na New York University, em Manhattan, onde Anani residia com a família, chegamos a irmos os dois juntos à estreia de “Beloved”, filme de Jonathan Demme baseado em novela de Toni Morrison.

Foi em um cinema alternativo no Upper West Side. O saguão estava lotado, principalmente de espectadores e espectadoras afro-americanos, quase a totalidade com roupas, indumentárias, colares e torços que remetiam a uma ideia de África ancestral.

Sempre bem humorado, em seu traje usual - calça e camisa de manga comprida - Anani não perdeu a oportunidade de comentar. Aqueles negros estadunidenses pareciam mais africanos que ele, africano nato nascido em Ghana em 1941.

Com sarcasmo observou: ali naquele saguão agitado e colorido estava a fotografia de uma África idílica, já ultrapassada pela realidade dos tempos. Essa África contemporânea é bastante complexa. Mesmo para a compreensão de um africano nativo cujo ofício é refletir sobre tais complexidades. Essa África a maioria dos norte-americanos, incluindo os afro-americanos, desconhece quase completamente.

Anani, que escreveu seu primeiro ensaio comparativo sobre a situação dos negros na sociedade brasileira - *The position of blacks in Brazilian society* - depois de deixar Salvador em 1971, levou as décadas seguintes estendendo-se como uma ponte entre o Brasil, os Estados Unidos e o continente africano.

Por falar bem português, que aprendeu quando estudante de doutorado na ....., ia e vinha ao país colonizado pelos portugueses nos trópicos sul-americanos.

Da última vez, veio a convite do Senado brasileiro, em parceria com o Ipeafro, em 2015. Por duas semanas esteve cumprindo uma agenda de atividades oficiais entre Brasília, a capital da República, e o Rio de Janeiro. Aproveitou para dar uma esticadinha, como sempre fazia, a Salvador.

Na ocasião preparei um jantar especialmente para ele em nossa casa. Chegou com uma tira multicolorida de capulana, presente que trouxera de seu país natal. Informou que acabara de passar alguns meses em Ghana, recentemente, oportunidade de visitas a sua aldeia e seus parentes, em um mergulho afetivo.

Dessa vez servi outro tipo de prato, mas relembramos nossa disputa pela batata-doce do cozido anos atrás. Ah, a batata-doce! Certamente trazia-nos memórias olfativas, degustativas e também afetivas de nossos ancestrais.

Tudo foi resolvido dividindo-se a iguaria em três partes iguais para os três comensais. Chamamos a garçonete e ainda pedidos adicionalmente outra batata-doce de complemento.

Anani Dzidzienyo, morto de câncer neste outubro de 2020, retornou à terra, como todos retornaremos, de onde provém a disputada iguaria daquele cozido.